

CADERNO DE RESUMOS

III Simpósio

GMPM nova série

Lisboa, CESEM/NOVA-FCSH, Colégio Almada Negreiros, 26 de junho de 2026

III SIMPÓSIO DO GRUPO MÚSICA NO PERÍODO MODERNO - NOVA SÉRIE

Lisboa, Colégio Almada Negreiros NOVA-FCSH, Auditório A 13, 26 de junho de 2026

O III Simpósio do Grupo de investigação *Música no Período Moderno do CESEM – nova série* recolhe o testemunho dos dois primeiros simpósios do grupo, realizados, respetivamente, em 2025 e 2024. Com o intuito de incluir um maior número possível de investigadores do grupo residentes fora de Lisboa, o simpósio anual do GMPM realiza-se em modalidade híbrida, presencial e online. Trata-se de um evento que visa, fundamentalmente, a partilha de investigações atualmente em curso no seio do GMPM, a fim de fomentar sinergias internas e, igualmente, dar a conhecer a atual produção académica do grupo a membros tanto internos como pertencentes a outros grupos conformadores do CESEM.

Marco Brescia e Ana Maria Liberal (organização/comissão científica)

PROGRAMA

Programa do III SIMPÓSIO DO GMPM – nova série		
26 de junho de 2026	COMUNICAÇÕES	ORADORES
Painel 1 10h00-12h00	O Chopin-Schumann do Sul: o legado romântico na música para canto e piano de Óscar da Silva	Bárbara Costa
	As reproduções de instrumentos do Musée Instrumental do Conservatoire royal de musique de Bruxelles na coleção Keil	Joana Peliz
	Vozes eloquentes, mulheres silenciadas: cantoras líricas abolicionistas no Norte e Nordeste do Brasil oitocentista	Maria Luiza Caldas
	O Teatro de ópera no Rio de Janeiro em meio às crises política e económica: o caso de Marino Mancinelli (Orvieto, 12/06/1842 - Rio de Janeiro, 03/09/1894) - suas ligações com Portugal e Brasil	Luciano Botelho
	Do “Novo Mundo” para a Europa: os concertos de Maurice Dengremont e Lucien Lambert em França e na Bélgica (1875-1877)	Ana Maria Liberal
Almoço 12h-14h00		
Painel 2 14h00-16h30	O Concurso Nacional de Composições e Arranjos Corais sobre Temas Folclóricos Brasileiros (1974): repertório, instituições e renovação da prática coral no Brasil	Arnon Oliveira / Marco Brescia
	Réquiem de Verdi e Aida, representações e interlocuções através das caricaturas de Bordalo no Rio de Janeiro Imperial	Gilberto Vieira Garcia

	Música e Perspectiva: uma relação cultural paradigmática	Pablo Sotuyo Blanco
	Centro de Documentação Musical de São José dos Campos: uma iniciativa da sociedade civil em prol da salvaguarda do patrimônio musical brasileiro	Raquel Aranha
	Cândido Inácio da Silva (1799/1800-1838): compositor de canções, senhor de escravizados	Marcelo Campos Hazan
	Em busca da biografia da Condessa d'Edla enquanto cantora de ópera (1852-1861)	Luísa Cymbron
Convívio 16h30-17h00		

RESUMO DAS COMUNICAÇÕES (POR ORDEM DE APRESENTAÇÃO)

ANA MARIA LIBERAL

Do “Novo Mundo” para a Europa: os concertos de Maurice Dengremont e Lucien Lambert em França e na Bélgica (1875-1877)

Em 1877, o violinista brasileiro Maurice Dengremont realiza uma série de concertos em várias cidades francesas e belgas, acompanhado pelo pianista Lucien Lambert. Com apenas 11 anos de idade, Dengremont começava a despontar no Brasil como menino-prodígio, tendo recebido do Imperador D. Pedro II uma bolsa de estudos para prosseguir a sua formação musical em Paris. Lucien Lambert, por sua vez, era um jovem pianista de 17 anos, nascido em França, que vivia no Rio de Janeiro onde o seu pai, o pianista e compositor de Nova Orleães Charles Lucien Lambert, se estabelecera como professor de piano na década de 1860. Em 1875, Lambert regressou ao país onde nasceu para estudar no Conservatório de Paris. A partir de um álbum de recortes de jornais pertencente ao espólio de Lucien Lambert, esta comunicação propõe-se analisar a recepção crítica da imprensa francesa aos concertos dos dois músicos. A análise centrar-se-á em dois aspetos fundamentais: por um lado, a forma como a crítica enquadrava artistas provenientes do continente sul americano no contexto musical europeu; por outro, os discursos construídos em torno da figura do menino-prodígio.

BÁRBARA COSTA

O Chopin-Schumann do Sul: o legado romântico na música para canto e piano de Óscar da Silva

Este projeto centra-se na obra para canto e piano do compositor e pianista português Óscar da Silva (1870–1958), ainda largamente desconhecida e inédita. A compilação de cerca de quarenta canções, realizada no âmbito da presente investigação, permite situar esta produção numa linha de continuidade com a tradição oitocentista germânica e francesa, não apenas ao nível da linguagem composicional, mas na própria valorização do género canção enquanto forma de expressão privilegiada. A incursão de Óscar da Silva neste domínio sugere que essa opção estética poderá refletir a influência de Frédéric Chopin e Robert Schumann, compositores que, para além da centralidade do piano, desempenharam um papel relevante na consolidação da canção romântica. Através da análise composicional e estilística das canções, pretende-se compreender a singularidade da sua linguagem musical e o modo como esta dialoga com o romantismo centro-europeu, bem como com o panorama musical português do final do século XIX e do início do século XX. Para tal, propõe-se: a identificação, edição crítica e análise das partituras; o estudo da sua epistolografia, de fontes biográficas e da atividade concertística. O projeto visa contribuir para o reconhecimento da relevância histórica e estética da sua obra no contexto musical europeu e português.

JOANA PELIZ

As reproduções de instrumentos do Musée Instrumental do Conservatoire royal de musique de Bruxelles na coleção Keil

Uma das mais expressivas coleções de instrumentos musicais em Portugal, cuja maioria das peças se conserva no Museu Nacional da Música, pertenceu ao célebre compositor e pintor Alfredo Keil. Grande parte dessas peças foi adquirida entre 1902 e 1906 por intercessão de Louis Pierrard, um luthier que trabalhara como restaurador para o Musée Instrumental do Conservatoire royal de musique de Bruxelles e posteriormente se instalou em Gante, com quem o filho mais velho de Keil, Luís Keil, bastante envolvido na atividade colecionística do seu pai, estabeleceu contacto, quando se mudou para essa cidade, onde ingressou na universidade. Frequentando os leilões que tinham lugar na Bélgica e em França, os principais centros do colecionismo de instrumentos musicais, e recebendo na sua própria oficina muitos instrumentos antigos, Pierrard encontrava-se numa posição que favorecia o seu acesso aos mais raros exemplares em circulação. No entanto, Keil tinha traçado um plano de coleção concreto, que mesmo ao final de anos de busca de Pierrard, não conseguia ver completado. Faltavam-lhe instrumentos de palheta dupla dos séculos XVI e XVII, cuja probabilidade de aparecerem no mercado era escassa, pelo que ocorreu-lhe solicitar ao luthier que se encarregasse da execução de fac-similes de exemplares no Musée Instrumental de Bruxelas. Só dois desses fac-similes chegaram até hoje, mas, junto com a correspondência relativa à encomenda e ao processo de construção do conjunto de instrumentos desejado pelo colecionador, constituem testemunhos reveladores da realidade das redes de colecionismo e de como eram perspectivados e valorados os instrumentos antigos na época.

MARIA LUIZA CALDAS

Vozes eloquentes, mulheres silenciadas: cantoras líricas abolicionistas no Norte e Nordeste do Brasil oitocentista

Apesar da ampla visibilidade alcançada por diversas cantoras líricas nos palcos e periódicos brasileiros das décadas finais do século XIX, suas trajetórias permaneceram largamente ausentes das narrativas consolidadas da historiografia musical e da história da abolição. Partindo desse aparente paradoxo — vozes eloquentes transformadas em memórias silenciadas —, esta comunicação investiga os mecanismos historiográficos que contribuíram para o apagamento de cantoras líricas vinculadas ao movimento abolicionista no Norte e Nordeste do Brasil entre 1880 e 1888. Mais do que recuperar trajetórias individuais, o objetivo é refletir criticamente sobre os critérios de visibilidade que moldaram a escrita da história da música no Brasil. Argumenta-se que a invisibilização dessas artistas resulta da convergência de diferentes processos de exclusão: a centralidade atribuída a compositores e obras em detrimento da performance e da interpretação, a persistência de narrativas centradas em figuras masculinas, a desvalorização de espaços como teatros e concertos beneficentes enquanto arenas de ação política e a marginalização historiográfica das províncias do Norte e Nordeste. A partir do diálogo entre musicologia histórica, estudos culturais da escravidão e história da imprensa, a comunicação examina evidências provenientes da imprensa periódica oitocentista. Como estudo de caso, mobiliza-se a trajetória da cantora lírica Josefina de Senespleda Battaglia, cuja atuação em iniciativas antiescravistas permite problematizar os processos que transformaram mulheres amplamente celebradas em seu tempo em figuras posteriormente silenciadas pela historiografia.

LUCIANO BOTELHO

O Teatro de ópera no Rio de Janeiro em meio às crises política e económica: o caso de Marino Mancinelli (Orvieto, 12/06/1842 – Rio de Janeiro, 03/09/1894) – suas ligações com Portugal e Brasil

A herança portuguesa no Teatro de ópera do Rio de Janeiro durante a República gera um movimento transnacional de diversidade cultural envolvendo figuras de outros países, sobretudo italianos. No entanto, ao longo deste período percebemos claras interrupções, tais como em Setembro de 1893, quando a Revolta Armada se alastra até a quebra das relações bilaterais entre Portugal e Brasil em Março de 1894. Em meio a esse confronto armado e debilidade diplomática, companhias teatrais Portuguesas e

Europeias fogem de volta as suas bases na Europa, criando uma ausência de quase 6 meses de espetáculos na cidade do Rio de Janeiro. O pianista e empresário português Arthur Napoleão é um dos poucos a manter seu negócio musical na cidade e, em contraste ao sofrido pela grande maioria, consegue usar esse momento para ampliar sua posição e influência junto ao mercado musical, incluindo o mercado operático. Napoleão vive ao lado da trágica aventura do Maestro Marino Mancinelli em trazer uma nova Companhia Lírica à cidade em Julho de 1894, passando antes por Lisboa e estabelecendo um próximo relacionamento profissional com empresários, cantores e músicos nos dois países, a exemplo de: Luigi Ducci, Augusta Cruz, Maria Júdice da Costa, Alfredo Keil, Freitas Gazul, Carlos Gomes e Delgado de Carvalho. Sua aclamada carreira foi tragicamente interrompida com o suicídio, no dia 3 de Setembro de 1894. Depois disso Oscar Guanabara diz demorar quase 5 anos até a cidade ter de volta a mesma qualidade musical alcançada pelo maestro. Esta comunicação destaca a carreira de Mancinelli, suas relações com o meio musical português e brasileiro, expandindo quando necessário para América Latina e Europa, sem esquecer fatores de instabilidades externas e que criaram um ambiente hostil entre Portugal e Brasil e refletem diretamente na produção musical da cidade do Rio de Janeiro.

ARNON OLIVEIRA / MARCO BRESCIA

O Concurso Nacional de Composições e Arranjos Corais sobre Temas Folclóricos Brasileiros (1974): repertório, instituições e renovação da prática coral no Brasil

O Madrigal Renascentista ocupa posição de destaque na história da música coral brasileira não apenas por sua atividade artística, mas também por sua atuação na formulação de repertórios e no estímulo à criação musical. Esta comunicação analisa o Concurso Nacional de Composições e Arranjos Corais sobre Temas Folclóricos Brasileiros, promovido pelo coro em 1974, compreendendo-o como uma iniciativa voltada à ampliação e renovação do repertório coral nacional. A partir da análise de regulamentos, documentação institucional, programas de concerto e registros de imprensa, busca-se compreender os objetivos da proposta, seus critérios de seleção e seus desdobramentos para o campo coral brasileiro. Argumenta-se que o concurso respondeu a uma demanda concreta por novas obras destinadas aos coros do país e contribuiu para fortalecer o diálogo entre criação musical, folclore e prática coral. Ao privilegiar a análise dos mecanismos institucionais que possibilitaram a circulação e a legitimação de repertórios, o estudo procura ampliar a compreensão do papel desempenhado pelo Madrigal Renascentista na consolidação do movimento coral brasileiro na segunda metade do século XX.

GILBERTO VIEIRA GARCIA

Réquiem de Verdi e Aida, representações e interlocuções através das caricaturas de Bordalo no Rio de Janeiro Imperial

O objetivo deste trabalho será realizar um exercício de reflexão iconográfica sobre as caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro, publicadas no período “O Mosquito”, que tratam da estreia de Aida e do Réquiem de Verdi no Rio de Janeiro em 1876. Nessas caricaturas são identificadas críticas ao cenário musical da capital do Brasil Império; sátiras sobre o nível da cultura musical da elite da cidade; o enaltecimento do músico e empresário português Arthur Napoleão; a celebração da temporada da companhia lírica italiana de Angelo Ferrari; incluindo-se, ainda, críticas à política imperial. As reflexões sobre essas caricaturas não terão como base a realização de análises da estrutura musical da cada uma dessas obras, nem comparações com outras Óperas e Missas. O exercício terá como cerne a análise das representações que são mobilizadas nessas imagens musicais e a compreensão das interlocuções e debates em meio aos quais o ato de publicação dessas caricaturas está posicionado. Para tanto, os principais referenciais de análise serão Erwin Panofsky, Tilman Seebass, Quentin Skinner, Esteban Buch e Cristina Magaldi.

PABLO SOTUYO BLANCO

Música e Perspectiva: uma relação cultural paradigmática

Muito tem se discutido sobre as relações entre a invenção da perspectiva por Brunelleschi em 1425 – codificada depois nos textos Della pittura (1435) e De Pictura (1439-1441) de Leon Battista Alberti – e o surgimento da polifonia na música de início do século XVI. As diversas considerações lançadas por Lowinski

em 1941, Reese em 1946, dentre outros autores, até os textos categóricos de Chuá em 1999, são apenas alguns dos exemplos que alicerçam ambos lados de uma discussão que poderia estar longe de findar, segundo se adotam (ou mudam) os diversos paradigmas epistemológicos de acordo com os tempos. Nesta apresentação tentaremos expor os diversos níveis de relação entre as culturas musical e visual, discutindo alguns casos escolhidos dentre o conjunto de manifestações culturais que as expressam e, ao mesmo tempo, definem.

RAQUEL ARANHA

Centro de Documentação Musical de São José dos Campos: uma iniciativa da sociedade civil em prol da salvaguarda do patrimônio musical brasileiro

O Centro de Documentação Musical de São José dos Campos (CDM SJC) é um projeto independente, da sociedade civil, resultado de um longo processo de gestação no qual foram fundamentais: a iniciativa por parte de pessoas-chaves da musicologia brasileira, a parceria com instituições da cidade, a participação voluntária de profissionais de diversas áreas, bem como o envolvimento da comunidade joseense para que o projeto se consolidasse. Trata-se de uma das poucas iniciativas no país a realizar salvaguarda de fontes musicais em seus diversos suportes (físicos e digitais), através de processamento técnico dos acervos entregues ao projeto, e disponibilização para consulta presencial. O CDM SJC também promove ações formativas gratuitas (palestras, cursos livres), registros de memória (entrevistas), atividades de difusão (exposições e concertos), atividades de sensibilização e educação patrimonial, atividades de extensão com Universidades locais (público e privadas), pesquisas transversais (áreas biológicas e humanas) e debates com profissionais sobre os diagnósticos, desafios e propostas para a proteção efetiva dos acervos com documentação musical. Reúne mais de 20 acervos pessoais entregues em comodato que contêm fontes diversas musicográficas (manuscritas e impressas), não musicográficas (fotos, contratos, cartazes, projetos, jornais), fonográficas (78 RPM, LPs, fitas K7, fitas-rolô, CDs, MDs), áudio visuais (VHS, super 8, DVDs), e bibliográficas (livros e revistas). Lançado oficialmente em 2022, o projeto idealizado e coordenado pela Dra. Raquel Aranha é amparado juridicamente pela Sociedade de Cultura e Educação Musical (SOCEM) de São José dos Campos, que representa o projeto junto à Associação para o Fomento da Arte e Cultura (AFAC) da cidade, gestora do Parque Vicentina Aranha no qual o CDM SJC está sediado.

MARCELO CAMPOS HAZAN

Cândido Inácio da Silva (1799/1800-1838): compositor de canções, senhor de escravizados

Cândido Inácio da Silva (1799/1800-1838) figura entre os mais importantes compositores de canções do Brasil oitocentista. “Salvas as proporções, foi o Schubert das nossas modinhas de salão”, afirmou, de modo célebre, ninguém menos que o mestre Mário de Andrade. Cumpre lembrar, contudo, que as modinhas sentimentais e os lundus humorísticos de Cândido Inácio foram publicados no auge da escravidão em terras brasileiras. Com base em fontes primárias inéditas pertencentes ao Arquivo Nacional e à Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, minha narrativa transita entre os elegantes salões e salas de visita da então capital brasileira e suas violentas ruas e prisões, a fim de examinar o envolvimento de Cândido Inácio com a instituição da escravidão — tanto como vítima quanto como perpetrador — no turbulento período que antecedeu e se seguiu à abdicação do imperador Dom Pedro I, em 1831. O trabalho investiga ainda as marcas desse envolvimento na produção musical do compositor, com especial atenção ao lundu-canção “Minha Lília, quem desfruta”. O trabalho tem o patrocínio do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional e do Prêmio Thomas Hampson de Canção Clássica da Sociedade Estadunidense de Musicologia.

LUÍSA CYMBRON

Em busca da biografia da Condessa d’Edla enquanto cantora de ópera (1852-1861)

Em 1869, D. Fernando de Saxe-Coburgo, viúvo da rainha D. Maria II e pai do rei Luís I, casou-se morganaticamente com a mulher que viria a ser conhecida como Condessa d’Edla. Este título ocultava a identidade de Elise Hensler, uma suíça de ascendência alemã, educada em Boston que havia estudado canto em Paris e seguido carreira em vários teatros italianos e americanos. Em 1859, foi contratada pelo

Teatro de S. João do Porto. No ano seguinte, subiu ao palco do Teatro S. Carlos, em Lisboa, e, alguns meses depois, iniciou uma relação com o rei viúvo, que mais tarde se tornaria seu marido. A sua aceitação pela família real e pela sociedade foi muito difícil. O seu estatuto de ex-cantora de ópera tornava-a, aos olhos da época, indigna de ser a madrastra do monarca reinante e isso assombrou a sua existência. Também a polémica que surgiu depois da morte do rei, em virtude de este lhe ter deixado o palácio e o parque da Pena, em Sintra, contribuíram para que a sua imagem fosse muito negativa. Nos últimos 20 anos, têm-se procurado reabilitar a imagem da condessa. A par dos interesses pela natureza e pela música, que partilhava com o rei, e do seu bem-sucedido casamento, tem havido uma sobrevalorização dos seus méritos como cantora. Todavia, a falta de investigação sobre os seus anos como de profissional do mundo operático é evidente. Esta comunicação tem como objectivo discutir o outro lado da sua história, a parte da sua biografia que foi ignorada ou distorcida pelo estatuto social que adquiriu aos 33 anos. Ao reconstruir a carreira de Hensler, podemos compreender a sua voz e presença em palco, as dificuldades da sua profissão e as perspectivas dos meios de comunicação americanos sobre as jovens dos EUA que prosseguiram carreiras na Europa.